

**PAIDÉIA DEMOCRÁTICA:
DA HETERONOMIA À AUTONOMIA DO AGIR ÉTICO –
UMA INTERROGAÇÃO SOBRE O PENSAMENTO
DE CORNELIUS CASTORIADIS**

Evandson Paiva Ferreira
Doutorado em Educação/PPGE/FE/UFG
Comunicação Livre
Cultura e processos educacionais

Nesse trabalho faço um estudo da obra de Castoriadis, o qual mostra que o homem é o único ser capaz de pensar suas ações, aprender com elas e aprimorá-las. Sua forma de organização social não é dada previamente pela natureza (o mundo da *physis*), mas construídos historicamente e transmitidos às novas gerações pela educação. A doação de sentido para o mundo do humano, que é o mundo da liberdade em condições, é um desafio sempre posto aos homens e mulheres que assumem autonomamente o desafio de preencher o mundo da natureza com a marca do humano. Os gregos antigos chamavam essa morada humana de *ethos*. A partir da problematização das condições, nem sempre justas, dessa morada que nasce a interrogação sobre o agir ético do homem. Castoriadis reconhece nos gregos a primeira forma de interrogação racional sobre o mundo humano sem fazer apelo a uma razão exterior à própria sociedade. Em seus escritos alertava para um estado de conformismo generalizado, a privatização do indivíduo, cada vez mais desestimulado a participar de ações coletivas, a falta de criatividade. Para ele a educação, a *paidéia* deve estar orientada para a dimensão da formação humana e da autonomia. A partir de sua obra, formulo a seguinte questão a ser investigada: quais contribuições o pensamento de Cornelius Castoriadis nos oferece para a crítica e a superação de tal situação? É possível uma educação que supere a suposta fatalidade e crie um sujeito ético, capaz de pensar autonomamente o real?

Palavras-chave: *Paidéia* democrática, autonomia, ética.

O homem é o único ser da natureza capaz de pensar suas ações, aprender com elas e aprimorá-las. É desse modo, essencialmente, um ser moral. Seus hábitos, seus valores, sua forma de organização social não são dados previamente pela natureza (o mundo da *physis*), mas construídos historicamente e transmitidos às novas gerações pela educação. Como afirma Arendt (2000), cada recém nascido é um novo homem que já nasce num mundo velho e que, como recém chegado a esse mundo, precisa ser humanizado.

A doação de sentido para o mundo do humano, que é o mundo da liberdade em condições, é um desafio sempre posto aos homens e mulheres que assumem autonomamente o desafio de preencher o mundo da natureza com a marca do humano. Nem sempre esse sentido e essa marca produzem uma sociedade justa. A nossa *morada humana*, esse mundo que construímos, se torna um problema a ser pensado, pois sabemos que somos responsáveis por ele, pela forma que ele assumiu. Conhecemos sua instituição.

Os gregos antigos chamavam essa *morada humana* de *ethos*. Vaz, nos seus *Escritos de Filosofia*, faz uma interessante *rememoração* da origem desse termo e como o mesmo se transforma em *ética*, *ciência do ethos*, interrogação sobre o agir ético do homem. Na língua grega, *ethos* pode significar tanto *costume* como *morada animal*.

Assim o grego faz a transposição metafórica para *morada humana*.

A transposição metafórica de *ethos* para o mundo humano dos costumes é extremamente significativa e é o fruto de uma intuição profunda sobre a natureza e sobre as condições de nosso agir (*práxis*), ao qual ficam confiadas a edificação e preservação de nossa verdadeira residência no mundo como seres inteligentes e livres: a morada do *ethos* cuja destruição significaria o fim de todo sentido para a vida propriamente humana. (Vaz, 1999, p. 13)

Vaz (1993) mostra que a oposição da *physis* (mundo da necessidade) e *ethos* (mundo da liberdade) no mundo clássico grego, abre para o homem a possibilidade de pensar criticamente a educação, indo de uma liberdade empírica a uma liberdade ética.

Do ponto de vista da fixação histórica dos costumes, esta passagem se faz através do processo educativo que mostra assim, na relação do *ethos* com a sociedade, uma estrutura homóloga à da relação do *ethos* com o indivíduo. À passagem do livre-arbítrio à liberdade ética no indivíduo corresponde a passagem que conduz, através da prática social da educação, os indivíduos do ser empírico da sua existência natural ao ser ético de sua existência cultural (...) (Vaz, 1993, p. 27)

Embora em suas primeiras formas históricas, a ética já coloca em questão as origens da vida social. Castoriadis (2007) chama a atenção para a insuficiência das éticas tradicionais, sejam elas filosóficas ou religiosas. Castoriadis reconhece, do mesmo modo que Vaz, nos gregos a primeira forma de interrogação racional sobre o mundo humano sem fazer apelo a uma razão exterior à própria sociedade, o que ele chama de auto-instituição. Para ele,

... elas apresentam catálogos de virtudes específicas e listas de mandamentos que nem sempre podem ser aplicados; sobretudo, e é esse o ponto essencial, desconhecem ou ocultam a dimensão trágica da existência e da ação humana, que nos coloca freqüentemente em situações que não comportam solução sem custos. As morais religiosas são morais felizes. Elas pretendem saber onde está o Bem e o Mal, e o único problema é o do homem interior: nós sabemos, ou devemos sempre saber, onde está o Bem e Mal, mas nem sempre “podemos” querer isso, ou então o queremos por “más razões” (Kant). Mas o fato esmagador da vida humana é o que o que é Bem ou Mal em dadas circunstâncias muitas vezes é obscuro, ou só pode ser alcançado sacrificando outros bens. (Castoriadis, 2002b, p. 246)

Castoriadis (1999) diz que há um medo da liberdade, uma necessidade de segurança, uma ocultação de nossa condição trágica. Diante do *abismo*, do enigma da existência humana, o homem se esconde na heteronomia. Toda obra de Castoriadis é atravessada por essa questão: “por que, afinal, a sociedade se institui como sociedade heterônoma?” (2002a, p.403)

Todo fundamento da vida social está na própria sociedade, enquanto sociedade instituinte. Esse não reconhecimento de criação e auto-criação, Castoriadis chama de *auto-ocultação*. Assim, tal sociedade se *cria* como heterônoma. Ele reconhece em dois momentos da história em que a auto-criação, a instituição da sociedade são colocadas em termos autônômicos. O primeiro foi na Grécia do século V a.C., quando uma nova forma de pensar, a filosofia, nasce juntamente com a democracia, num “processo contínuo da sua auto-instituição” (1992, p. 248). O segundo momento foi no século XVIII, com o Iluminismo, que coloca novamente no centro da discussão a *auto-instituição*. São dois momentos de *ruptura face ao fechamento* a que são submetidas as

sociedades.

O movimento democrático, a pesquisa e interrogação filosóficas são, os dois, questionamentos das instituições existentes da sociedade – quer se trate das leis, no sentido próprio, ou da constituição das representações humanas. Temos aqui um ser – a sociedade da *polis* grega, certas sociedades européias – que coloca *explicitamente* em questão e em reavaliação as leis de sua própria existência; não mais, simplesmente, uma autoconstituição cega, mas elementos de uma *autonomia*, no sentido verdadeiro e forte do termo. Digo elementos, pois, em toda evidência, estamos longe de viver em sociedades autônomas e o projeto de autonomia – o movimento democrático – ainda tem à sua frente um longo caminho a percorrer. Mas, em todo caso, estamos, do ponto de vista filosófico, diante de um ser que tenta se alterar explicitamente como forma – ou que tenta romper o fechamento no qual existia até ali. E não conheço outra definição do pensamento filosófico, e do pensamento, simplesmente, além do esforço incessante de romper o fechamento no qual inicialmente nos encontramos – e que tende, sempre, a se reconstituir. (1999, p. 220)

Em seus escritos, Castoriadis alertava para um estado de conformismo generalizado, a *privatização* do indivíduo, cada vez mais desestimulado a participar de ações coletivas, a falta de criatividade. Nele encontramos uma análise da situação atual *ethos* do homem do início do século XXI. Democracia, filosofia, autonomia, liberdade, reflexão, política, questões discutidas que vão ao encontro do pensamento educacional.

Castoriadis nos ajuda a pensar hoje o projeto de sociedade que precisamos, a *paidéia* que possa formar o sujeito que não se curva aos fatos, que não se fecha em explicações alienadas, que não se privatiza, mas que assuma a autonomia como projeto político, ao qual todos podemos participar. Enfim, uma *paidéia democrática*. “Não pode haver sociedade democrática sem *paidéia* democrática.” (2002b, p. 269)

Cornelius Castoriadis escreve sobre a sociedade e a história, o imaginário radical e a psique humana, linguagem, a historicidade do conhecimento científico. Refere-se constantemente à educação, mas não tem uma obra específica que trate desse assunto. Educação, ética, formação humana são temas que *atravessam* todos os seus escritos, já que não há projeto de autonomia, de constituição de uma sociedade democrática que não passe por uma discussão sobre a *paidéia* democrática.

Ao se referir à crise atual da humanidade, crise na política (esvaziamento da discussão política, crise da criatividade e imaginação políticas), da não participação dos cidadãos na vida da *polis* contemporânea, Castoriadis alerta sobre a necessidade de *reformular o ser humano* contra a privatização e o individualismo reinantes.

O que é exigido é mais do que uma “reforma do entendimento humano”, é uma reforma do ser humano enquanto ser social-histórico, uma ética da mortalidade, uma auto-ultrapassagem da Razão. Não temos necessidade de alguns “sábios”. Temos necessidade de que o maior número adquira e exerça a sabedoria – o que por sua vez exige uma transformação radical da sociedade como sociedade política, instaurando não somente a participação formal, mas também a paixão de todos pelas questões comuns. Ora, seres humanos sábios é a última coisa que a cultura atual produz. (1992, p. 107)

Qualquer projeto de autonomia passa pela política. “A política é projeto de autonomia: atividade coletiva refletida e lúcida visando a instituição global da sociedade como tal.” (1992, p. 145) A criação da política acontece quando a instituição da sociedade é questionada, quando é criada outra relação entre o instituinte e o instituído.

Desse modo, a criação da política é a criação do projeto de autonomia e são os gregos os primeiros a fazê-lo.

A criação pelos gregos da política e da filosofia é a primeira emergência histórica do projeto de autonomia coletiva e individual. Se quisermos ser livres devemos fazer nosso *nomos*. Se quisermos ser livres, ninguém deve poder dizer-nos o que devemos pensar. (Castoriadis, 1992, p. 138)

A autonomia surge com essa interrogação sobre o sentido e razão de ser sobre a vida coletiva. Nunca está pronta e acabada, pois se trata de um projeto, que inaugura não só um novo tipo de sociedade, mas também um novo tipo de indivíduo, cuja educação também deve ser interrogada e *reformada*. Em Castoriadis a educação, a *paidéia* deve estar orientada para esse sentido, “é uma dimensão central de toda política da autonomia.” (1992, p. 148)

Para Castoriadis, é objetivo da pedagogia,

... é ajudar o recém-nascido (...) a tornar-se um ser humano. O fim da *paidéia* é ajudar esse feixe de pulsões e de imaginação a tornar-se um *antrophos*, no sentido (...) de um ser autônomo. Podemos também dizer, lembrando Aristóteles, um ser capaz de governar e ser governado. (Castoriadis, 1992, p. 156)

Nosso autor indica que qualquer projeto de formação humana deve começar com a interrogação sobre o fim (finalidade) de tal projeto. Mais que ensinar matérias específicas, a educação deve desenvolver a capacidade de aprender, de descobrir, de inventar (1992, p. 156).

Assim, do ponto de vista psicanalítico, a pedagogia é (deve ser) a educação do recém-nascido que o leva ao estado descrito anteriormente, comportando a inibição mínima de sua imaginação radical e o desenvolvimento máximo de sua reflexividade. Mas, do ponto de vista social-histórico, a pedagogia deveria educar seu sujeito de tal modo que este interiorize, e faça portanto muito mais do que aceitar as instituições existentes, e faça portanto muito mais do que aceitar as instituições existentes, quaisquer que sejam. (Castoriadis, 1992, p. 157)

Castoriadis nos lança questões para pensarmos uma formação ética e põe um enigma da educação: “... ajudar os seres humanos a aceder à autonomia, ao mesmo tempo que absorvem e interiorizam as instituições existentes, ou apesar disso” (1992, p. 158).

O indivíduo é uma criação cultural, encarnação de uma instituição. “Esta criação continua ocorrendo.” (Castoriadis, 2002a, p. 334) Castoriadis chama atenção para um desvio do processo da formação humana (*paidéia*), abandonada em favor de um processo de escolarização voltado para um modo de vida heterônomo (individualismo, sociedade do consumo, educação para o mercado, privatização do ser humano, conformismo, recuo da criatividade). Que tipo de homem essa educação forma? Para Castoriadis, o homem *privatizado*, incapaz de interrogar o real, de pôr em questão qualquer projeto de vida coletivo.

A partir de sua obra, formulo a seguinte questão a ser investigada: quais contribuições o pensamento de Cornelius Castoriadis nos oferece para a crítica e a superação de situação? É possível uma educação que supere a suposta fatalidade e crie um sujeito ético, capaz de pensar autonomamente o real?

Em 2003, quando desenvolvi o projeto *Paidéia e formação humana: uma interrogação sobre o sentido da educação* (Ferreira, 2003), orientava a minha reflexão sobre a *arkhé* da formação humana, encontrando nos gregos antigos a primeira interrogação racional sobre o fim (*télos*) da educação como processo de humanização. Dialoguei com a obra de Platão e confrontei a sua *paidéia* com a concepção de educação dos sofistas.

Mutatis mutandis, considero essa nova proposta de pesquisa um desdobramento e aprofundamento da interrogação iniciada no Mestrado. Para tanto, alguns autores com os quais dialoguei e me introduziram no universo cultural grego serão retomados. Esses autores me ajudarão compreender algumas análises feitas por Castoriadis sobre o mito, a religião e a filosofia gregas.

No plano da história da filosofia elejo autores reconhecidamente referências em suas áreas de pesquisa. Mossé (1997) oferece uma história da formação de cidade de Atenas, do processo de criação da democracia, da relação dessa cidade com outras *póleis*, suas instituições, manifestações culturais, sua herança para o mundo ocidental até sua decadência. Ainda na história da filosofia, duas coleções serão usadas como referências. A coleção *História da filosofia* antiga, de Reale (5 volumes), que oferece informações sobre a filosofia grega de suas origens *pré-socráticas* até as escolas da era imperial, sendo um dos volumes, o quinto, com léxicos da filosofia grega. Outra fonte importante será coleção *História da filosofia – idéias, doutrinas*, de Châtelet. Dessa coleção destacarei dois volumes. Um primeiro que trata da filosofia grega e um segundo que trata do filosofar no século XVIII, dois momentos caros, segundo Castoriadis, para a reflexão sobre o projeto de autonomia.

Sobre a *paidéia* grega uso dois clássicos do tema. Jaeger e sua *Paidéia: a formação do homem grego* (2001) oferece um amplo painel de referências do universo simbólico grego. Ainda hoje é referência para os pesquisadores do tema. Marrou é outra fonte importante sobre a *paidéia* grega, com a obra *História da educação na Antiguidade*. Ainda sobre a Grécia, cito dois autores: Vernant e Vidal-Naquet, importantes helenistas que também fornecem elementos que ajudam na leitura da obra de Castoriadis. Cito duas obras que uso como referência: *As origens do pensamento grego* e *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. Esses autores uma profunda análise sobre o processo de laicização da cultura grega que culmina com o surgimento da filosofia e o projeto de autonomia entre os gregos. Vaz, com seus *Escritos de filosofia*, é outro autor que também faz parte desse conjunto de referências da cultura e filosofia gregas.

Para o estudo do século XVIII, além de Châtelet, uso Cassirer, com sua obra *A filosofia do Iluminismo*. Para compreender o novo ideário de educação na Grécia Antiga e entre os iluministas me reporto a Canivez e seu livro *Educar o cidadão?* Essa obra oferece um rico referencial de autores que ao longo da história da educação pensou a questão da formação humana e discute a cidadania nas democracias modernas.

Para auxiliar a interrogação sobre educação e democracia no início do século XXI, me apoio em alguns autores. Para entender o caminho até esse momento histórico a referência é Hobsbawm, que faz uma análise crítica do século XX em *A era dos extremos*. Sobre o panorama pedagógico no mundo globalizado uma referência é o relatório Delors, *Educação: um tesouro a descobrir*, obra central do novo sentido dado à educação a partir dos anos 1990.

Quanto à análise da obra de Castoriadis, a principal referência tem sido Valle. No seu livro *Os enigmas da educação*, ela traça um diálogo entre a *paidéia* democrática e a *paidéia* platônica. Vale discute, fundamentada em Castoriadis, a formação ética do cidadão. Encontra na formação da autonomia o sentido da *paidéia* democrática e aponta

para o reflexo da heteronomia na educação.

Ora, como Castoriadis não se cansou de assinalar, numa sociedade heterônoma, o poder de criação humana encontra-se sistematicamente ocultado, até o ponto que dele se alienam os indivíduos. Isso se reflete, no campo educacional, pela tentativa de controle, pela falsa noção de que o fenômeno educativo pode ser inteiramente explicado, controlado, predito pelas teorias, pela aplicação dos métodos, pelo recurso às técnicas. E, dessa forma, na ausência da autonomia social e individual, a educação fica reduzida ao que não é: ao espaço de mera aplicação de teorias e de procedimentos pensados *a priori*, e que jamais são postos em questão. (Valle, 2002, p. 270)

Valle mostra como, para Castoriadis, “a educação é uma recriação constante dos procedimentos, dos métodos, do modo de relação às técnicas pedagógicas e institucionais, mas é também o terreno em que operam essas e outras deliberações mais importantes, que não podem ser garantidas ou determinadas *a priori*, legitimadas pela autoridade teórica ou técnica.” (Valle, 2002, p. 272).

Penso que esse referencial, que não é uma lista fechada e definitiva (ainda há muito a ser descoberto sobre o tema), auxilia numa leitura crítica da obra de Cornelius Castoriadis, cujos escritos transitam pela economia, filosofia, psicanálise e ciências da natureza.

Essa pesquisa é bibliográfica. Almeida Jr. (1995, p. 100) define a pesquisa bibliográfica como sendo “a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informação escrita, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de determinado tema.” De acordo com Gil (2002), na pesquisa bibliográfica, vários passos devem ser tomados após a delimitação do tema, quais sejam: levantamento bibliográfico, elaboração do plano provisório do tema, busca de fontes, leitura do material, fichamento, organização lógica e finalmente redação do trabalho final.

Seguindo a sugestão do autor supracitado, primeiramente deve-se terminar o levantamento bibliográfico, uma vez que o mesmo já começou ser feito durante a elaboração do projeto. Conseguir toda a produção de Castoriadis, em português (o que já tiver sido traduzido) e em francês, que for relevante para essa pesquisa. Durante a leitura e fichamento, procurar separar os escritos em tópicos. O primeiro a ser lido é *A instituição imaginária da sociedade*, pois encontramos aí a base de seu pensamento e o desenvolvimento de conceitos como: imaginário social e instituição, autonomia e heteronomia, os magmas, além dos escritos sobre o pensamento marxista, que marcam sua ruptura com o marxismo nos anos 60.

Os outros escritos (*As encruzilhadas – 6 volumes, Sujeito e verdade e Sobre O Político de Platão, Uma sociedade à deriva*), por se tratarem de coletâneas de artigos ou seminários ministrados na École des hautes études en Sciences sociales, serão separados por temas: textos políticos, psicanálise, ciências da natureza, história, etc. Tal método visa facilitar a compreensão do conjunto da obra, escrita em momentos diferentes, muitas vezes atendendo a *urgência* do *kairós*, e o levantamento de como a questão da formação humana (*paidéia*) é discutida.

Com essa pesquisa procuro ampliar a área de estudos sobre Castoriadis no Brasil, bem contribuir, ainda que modestamente, para a reflexão sobre ética e autonomia e suas relações com os processos de formação humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA JR, J. B. O estudo como forma de pesquisa. In: CARVALHO, M. C. M. de (org.). *Construindo o saber*. 5. ed. Campinas: Papirus, 1995, p. 99-114.
- ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- CANIVEZ, P. *Educar o cidadão?* Campinas: Papirus, 1991.
- CASSIRER, E. *A filosofia do Iluminismo*. São Paulo: Ed. Unicamp, 1991.
- CASTORIADIS, C. *As encruzilhadas do labirinto I*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- _____. *As encruzilhadas do labirinto II: os domínios do homem*. São Paulo: Paz e Terra, 2002a.
- _____. *As encruzilhadas do labirinto III: o mundo fragmentado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- _____. *As encruzilhadas do labirinto IV: a ascensão da insignificância*. São Paulo: Paz e Terra, 2002b.
- _____. *As encruzilhadas do labirinto V: feito e a ser feito*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- _____. *As encruzilhadas do labirinto VI: figuras do pensável*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a.
- _____. *A instituição imaginária da sociedade*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- _____. *Sobre O Político de Platão*. São Paulo: Loyola, 2004b.
- _____. *Sujeito e verdade no mundo social-histórico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- _____. *Uma sociedade à deriva: entrevistas e debates – 1974 – 1997*. Aparecida – SP: Idéias & Letras, 2006.
- CHÂTELET, F. (Org.) *História da filosofia – idéias, doutrinas* (2 volumes: *a filosofia pagã - 1 e o iluminismo. O século XVIII- 4*). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- DELORS, J. (Org.) *Educação: um tesouro a descobrir*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- FERREIRA, E. P. *Paidéia e formação humana: uma interrogação sobre o sentido da educação*. 2003. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, 2003.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas 2002.
- HOBBSAWM, E. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MARROU, H.-I. *História da educação na Antiguidade*. 3. ed. São Paulo: E.P.U. 1990.
- MOSSÉ, C. *Atenas: a história de uma democracia*. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.
- REALE, G. *História da filosofia antiga* (5 volumes). São Paulo: Loyola, 1993.
- VALLE, L. do. *Os enigmas da educação: a paidéia democrática entre Platão e Castoriadis*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- VAZ, H. C. L. *Escritos de filosofia II: ética e cultura*. São Paulo: Loyola, 1993.
- _____. *Escritos de filosofia IV: introdução à ética filosófica 1*. São Paulo: Loyola, 1999.
- VERNANT, J.-P. *As origens do pensamento grego*. 10. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.
- _____; VIDAL-NAQUET, P. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo, Brasiliense, 1988.